



Beatriz Cruz

O guarda-chuva
e a sombrinha
crônicas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

O guarda-chuva
e a sombrinha
crônicas

Beatriz Cruz

O guarda-chuva
e a sombrinha
crônicas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Beatriz Cruz

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Imagem da capa: Claude Monet “Mulher com sombrinha”
Diagramação: Michael Douglas
1ª edição – janeiro de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cruz, Beatriz
O guarda-chuva e a sombrinha : crônicas / Beatriz Cruz.
-- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
104 p.

ISBN: 978-65-86751-56-7

1. Crônicas brasileiras I. Título

20-4375

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

Para meus netos, Jorge e João Gabriel

Prefácio

Os melhores cronistas são aqueles que falam à emoção de forma leve e não excessivamente rebuscada, pois isto acabaria por dificultar a compreensão. Assim são as crônicas de Beatriz de Oliveira Costa Cruz, professora de português e francês, em seu novo livro: *O guarda-chuva e a sombrinha*.

Foi com alegria e satisfação que aceitei o convite para prefaciá-lo. Logo à primeira leitura, me senti envolvida por suas crônicas. Com seu jeito simples e natural de ver o cotidiano, a autora nos coloca à frente de situações vivenciadas por ela ou ouvidas de outrem, conseguindo, sempre, nos passar a sua mensagem de surpresa, espanto ou maravilhamento.

Seus relatos abordam experiências da infância e da juventude, como em *A galinha assassinada* e *Lembranças de um colégio de freiras*; reflexões sobre situações cotidianas em *Minha carteirinha de vacinação* e *Madame de la Moldure*; e vivências da autora em outros países, especialmente na França, onde residiu por uma boa temporada, como pode ser lido em *Chose de loque*, *Tome champagne e apague o abajur* ou, ainda, em *Trambiqueira, eu?*. Muitas das crônicas do livro nos levam a conhecer situações de outras épocas e a reconhecer histórias semelhantes vividas por cada um de nós. Assim, vamos nos

identificando aqui e ali em várias das páginas de *O guarda-chuva e a sombrinha*.

Beatriz libera sua imaginação e sua sensibilidade literária nas crônicas que escreve. Sua forma de relatar encanta e prende o leitor com histórias saborosas, pitorescas e, muitas vezes, engraçadas. Além disso, por serem curtas, nos dão vontade de ler a próxima imediatamente.

Não pensem vocês, leitores, que estou “jogando confete”, como se dizia antigamente, tecendo apenas elogios à autora, que pertence à Academia Taubateana de Letras –ATL. De forma alguma. Vocês poderão confirmar minhas palavras ao ler estas crônicas. E, depois, com certeza, partirão em busca dos outros livros da autora, já confirmados como grande sucesso, pois uma leitura agradável nos inspira a conhecer mais de seu autor.

Nos tempos em que estamos vivendo, de enfrentamento de uma pandemia, de isolamento e de reclusão, mergulhar nas crônicas de Beatriz é um respiro e uma alegria incontestável.

Regina Célia Pinheiro da Silva
Secretária da ATL – biênio 2020-2022

Sumário

Dona Tereza	11
O trem da boa viagem	12
No tempo em que os trens circulavam	14
Caminho das pedras	16
Suspiros dobrados	17
Língua materna	19
Cartas devolvidas	21
Analfabetas	23
Na praia	25
A galinha assassinada	27
Clarice Lispector também falou de moda	29
No camburão	31
Bolo-rei	33
Minha carteirinha de vacinação	34
Aniversário do sundae	36
Charters para voos celestiais	38
Frapê de coco	40
Afogando mágoas	41
1944	42
Tempos modernos	44
O café	46
Chá das cinco	49

Namoros de antigamente	52
Nossos queridos vizinhos	55
Lembranças de um colégio de freiras	58
Rua Maria Antônia	61
Madame la Moldure	63
O tombo da funcionária	65
Aulas de tênis	67
Ali ninguém era um Guga	69
O motorista do papa	71
A calculadora e o computador	73
Dois pra lá, dois pra cá	75
O velho Bauru	77
A gramática das crianças	80
O guarda-chuva e a sombrinha	81
O Parque Antártica e as Perdizes	83
Paul Anka	85
Chose de loque	87
Tome champanhe e apague o abajur	89
Santa Beatriz da Silva	91
Memória	93
Trambiqueira, eu?	95
A incrível maquininha de pensar	97
Dança de salão	100
O soninho da beleza	102

Dona Tereza

Aquele sim era um caso de fidelidade; além do mais, duplo, porque Dona Tereza não só cultuava a memória do marido como seguia à risca sua rotina. Todas as manhãs, antes mesmo de se levantar, ela pegava o livro de poemas de amor, presente do falecido por ocasião das bodas de prata, e abria na página marcada com uma fita vermelha. Lia e relia, suspirava, pensava no amado. Depois colocava a fita aleatoriamente em outra página, marcando a leitura do dia seguinte.

Embora já soubesse de cor todos os poemas, gostava de passar os olhos por aquelas doces palavras, era como se ele estivesse ali a recitá-las. Não abria mão desse ritual de jeito nenhum. Acabado o “momento memória”, tomava seu café da manhã. Logo em seguida, chamava a netinha para fazer bolhas de sabão no jardim. E lá ficavam as duas a brincar e rir, bem protegidas do sol usando charmosos chapéus de palha.

O trem da boa viagem

Ao ouvir falar em “esperar o trem da boa viagem”, logo pensei em floreios para não dizer o pior, como aquela velha história da mãe que subiu no telhado... Mas, em seguida, enxotei da cabeça esse pensamento negativo e procurei me fixar numa boa viagem mesmo, vivinha da silva. E melhor ainda, de trem! Nem precisava ser o trem-bala. Para nós, órfãos desse meio de transporte, qualquer um moderninho que fosse já seria bom. Lembrei-me do tempo em que o trem passava bem ao lado da casa do meu avô, na fazenda.

Quando ouvíamos o apito da máquina que vinha soltando fumaça, corríamos para ver. Das janelas dos vagões que se sucediam numa fila sem fim, os passageiros olhavam, e nós, as crianças, adorávamos dar-lhes adeuzinhos. Era uma sensação gostosa, talvez porque imaginássemos como seria bom estar lá dentro e seguir viagem com eles. daquelas janelinhas poderíamos admirar a paisagem verdinha com arrozaes a perder de vista, chegar mais perto da serra, passar sobre as águas do rio e talvez atravessar algumas cidades... Tudo isso com o trem apitando para anunciar a nossa passagem. Nenhuma preocupação com o destino, o que importava era sair por esse mundo afora.

Sonhos de uma criançada feliz. Nossos trens morreram, perdemos o trem. Tantos anos se passaram e cá estou eu ainda a esperar por uma bela viagem sobre trilhos em solo nacional. Quanto àquela outra “boa viagem”, por enquanto não quero nem pensar...

8 de maio de 2014

No tempo em que os trens circulavam

Nossos trens de passageiros desapareceram por completo, agora só vejo vagarosos vagões carregando minério de ferro pelos trilhos da antiga Central do Brasil. Antes, passavam por ali o trem que saía de São Paulo às oito da manhã e chegava ao Rio de Janeiro lá pelas seis da tarde e outro que fazia o trajeto inverso. À noite circulava o noturno, chamado Trem de Prata, que tinha cabines para quem quisesse dormir e um elegante restaurante. Nos intervalos havia também comboios carregando bois, vacas e cavalos.

A casa de vovô ficava perto da estação em Caçapava e me lembro do intenso movimento de pessoas que ali se aglomeravam, tanto para embarcar como a esperar parentes e amigos que talvez viessem de longe. Às vezes aguardavam algum figurão, gente importante em visita à cidade. Então, havia até banda de música para animar a recepção, assim como a presença do prefeito, vereadores e muitos curiosos. A cada chegada ou partida de um trem, o piso da casa tremia e as conversas eram interrompidas, tamanho o barulho que faziam. Fora o apito, que até me assustava.

Mamãe contava que em seu tempo de jovem muitas moças gostavam de ir à estação só para ver o movimento e para lá se dirigiam devidamente embonecadas, talvez para o caso de vislumbrar um belo rapaz chegado da capital. Quiçá futuro namorado... Ela contava, também, que certa vez um guapo fazendeiro esteve na cidade para comprar gado e se enamorou de uma de suas irmãs, muito bonita. Na hora da partida, titia, elegantíssima, foi com as amigas até a estação para as despedidas. Chegou bem no momento em que o tal fazendeiro assistia ao embarque do seu gado e uma das vacas, empacada, se recusava a subir no vagão. Sem perceber a presença das moças, o homem não teve dúvidas, tascou uma mordida no rabo da vaca!

Naquele mesmo instante o namoro foi para o brejo, só ficou a história para a posteridade.

9 de maio de 2014

“**P**or muitos anos estudei em colégio de freiras. Ele funcionava em um prédio antigo, espaçoso e rodeado de jardins bem-cuidados. Chamava a atenção a limpeza impecável dos ambientes. O piso encerado dos largos corredores brilhava sempre. O colégio Des Oiseaux, em São Paulo, era muito bonito. A parte mais antiga dele lembrava um castelinho.



O que mais me impressionava era a paz que os ambientes daquela escola me transmitiam. Onde quer que estivéssemos, através de grandes janelas avistávamos árvores, gramados e canteiros de flores.”

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

